

Companhia de Aprendizagem: urdindo uma atitude transdisciplinar

Equipe de Coordenação: Adriana Caccuri, Marly Segreto,
Mônica O. Simons e Tereza Cristina F. Bongiovanni¹.
(Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS)
ciadeaprendizagem@cetrans.com.br

Resumo: A importância de se vislumbrar caminhos possíveis para a formação transdisciplinar norteou a criação da Companhia de Aprendizagem CETRANS, que procura desenvolver um processo de formação em co-formação e uma nova relação com o ato de aprender. Nessa trajetória, a busca de uma práxis que implica uma atitude transdisciplinar tem sido um importante diferencial no desenvolvimento do processo e nos resultados obtidos.

Palavras-chave: Autoformação. Co-formação. Práxis. Atitude. Transdisciplinaridade.

A Companhia de Aprendizagem é um projeto experimental, em seu terceiro ano de existência, que nasceu em continuidade aos cursos oferecidos pelo CETRANS, em 2002. Ela é composta por pessoas que atuam em diferentes áreas profissionais e que estão interessadas no aprofundamento da reflexão sobre os pilares da transdisciplinaridade - complexidade, diferentes níveis de realidade e lógica do terceiro incluído, e no desenvolvimento da visão, atitude e práxis transdisciplinares.

A partir da vivência de um processo de formação em co-formação e da busca de uma nova relação com o ato de aprender, procuramos favorecer a autoformação ao dar espaço para que todos os participantes sejam atores, espectadores e autores nesse processo, numa hierarquia distributiva, e visando a aplicação concreta da proposta transdisciplinar em diferentes contextos de atuação. Nesse cenário, o espaço-tempo formativo está estruturado de maneira híbrida: com sessões presenciais e virtuais mensais: comunicação assíncrona (e-mails, fórum e blog) e síncrona (chat), no Portal CETRANS (www.cetrans.com.br).

Mais recentemente, no início de 2005, foi criado o ATELIÊ COMPANHIA, com encontros mensais voltados para a criação e produção da Revista COMPANHIA, vindo a constituir um «terceiro termo» da relação coordenadores/mediadores e integrantes multidisciplinares. Numa *estrutura aberta e numa composição variável no tempo* em função das necessidades do momento, o Ateliê constitui um *lugar criativo da arte de viver, aprender e produzir juntos, em todos os níveis*, numa orientação transdisciplinar. A revista COMPANHIA, em sua versão gráfica, está sendo lançada no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade – Vila Velha – ES, cuja versão eletrônica será lançada futuramente. Nosso objetivo é veicular a experiência da Companhia em sua totalidade criativa e abrir a possibilidade de trocas com pessoas, grupos e instituições que estejam trilhando o caminho da busca da práxis transdisciplinar.

*«De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar
e a certeza de que seria interrompido antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo uma
escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro.»*
(Fernando Pessoa)

A imagem que tece o caminho

Tecer representa um ato criativo relacionado à geração de novas formas (morfogênese) e ao processo de transformação (metamorfose). O ato de tecer pode ser visto tanto no que se refere ao sujeito – que como a aranha, tira de si mesmo o material que vai tecer a teia - quanto no que diz respeito à relação intersubjetiva e à interligação com o todo maior social, cultural, ambiental e planetário.

¹ Participantes: Alzira Ramos, Ana Maria da Silva, Anita P. A. Oliveira, Cleide Vanuzia Vilela Araújo, Francisco Antonio da Silva, Heloisa Helena Steffen, Márcia de Jesus Costa Nunes, Sandra de M. Vasconcelos Gonçalves.

Durante a fase de elaboração de um projeto para a Companhia de Aprendizagem emergiu a imagem da teia/tecelagem, remetendo ao simbolismo da aranha, do fio, do tecer e do tecido. A emergência do simbólico, mediando e favorecendo a integração, constituiu a metáfora geradora que, em 2003, deu nome ao nosso projeto: Urdidura. A palavra «urdir», do latim *ordiri* - «começar a tecer», envolve o ato de dispor os fios no tear, por entre os quais serão entrelaçados os fios da trama. Esta palavra é também usada no sentido de preparar o entrecho, o enredo de uma obra. Podemos dizer, então, que o Projeto Urdidura apresentou-se, a partir dessa imagem, como um espaço construído numa arquitetura aberta aos possíveis entrelaçamentos, como um caminho que seria criado, desvelado e revelado, como tela, tecido e texto, durante o processo.

Mas, o tecido apresenta uma face aparente e outra oculta, um direito e um avesso, remetendo à fragilidade de uma visão apenas parcial e unidimensional da realidade e à necessidade de considerar a dimensão do desconhecido, a incompletude do conhecimento, *o que está entre, além e através*. O mito de Penélope, que durante o dia tecia e à noite desmanchava o que havia feito, sugere a dialética do fixo e do móvel, do contínuo e do descontínuo, do diurno e do noturno, da potencialização e da atualização, presentes em todo processo de formação e do saber ser.

Essa imagem inspiradora e geradora nos acompanhou explicitamente, em 2003, e implicitamente, em 2004, pois, apesar de não nomeada, permaneceu subjacente ao processo, demonstrando o poder de mediação e a força de ressonância do imaginário mito-simbólico, favorecendo a integração e a manifestação do sentido do nosso caminhar.

A abordagem Bio-Cognitiva da Autoformação (G. Pineau, P. Galvani) entrelaçada ao referencial cognitivo da *Árvore do Saber-Aprender* (TROCME-FABRE, 2004) sob a condução da abordagem transdisciplinar, nos permitiram procurar reconduzir o sujeito ao centro do processo formativo. Um sujeito que - como tear, tecido e tecelão, ou na metáfora teatral, como ator, espectador e autor - está em busca de si mesmo, em interação com os outros e com o ambiente, procurando integrar e transformar as diferentes influências recebidas, existir como uma totalidade e em devir.

A presença do Vazio

Quando se tece uma Companhia de Aprendizagem há um vazio necessário que se presentifica: é o vazio entre os fios que permite a tecelagem, é a urdidura com seus ínfimos espaços que permite o entrelaçamento e a flexibilidade dos movimentos. Em nossa construção, o vazio foi percebido como necessário para que o processo de autoformação em co-formação se realize. E durante nossa *démarche*, uma constante reflexão envolvendo uma atitude solidária e solitária de reconhecimento do vazio, de busca do seu sentido e do seu potencial, impulsionou a nossa ação e criação.

Três questões reflexivas propiciaram um diálogo entre as coordenadoras no sentido de como incorporar o vazio:

1. Haveria a possibilidade de criação de um espaço VAZIO que, acontecendo, faça parte de um processo que, vivido, transforma-se num método do uso consciente do VAZIO?
2. Como evitar preencher um espaço pleno de possibilidades de um grupo que chega à Companhia, com nossas idéias, com as coisas que gostaríamos que ocorressem?
3. Como evitar desconsiderá-los individualmente nesse nosso Pro-jetar, «enchendo» seus pensamentos, desviando o ir fundo em si mesmos?

«Criar um vazio em si mesmo é um gesto carregado de grandes dificuldades.»²

O vazio é experiencialmente temido e torna-se um desafio existencial. Mas, como mediadores e a partir do diálogo e trocas via e-mail, com a colaboração de Maria F. de Mello, fomos encontrando indícios para apurar este processo caracterizado pela escolha/tomada das atitudes implícitas e condutoras:

- Aceitar que o Vazio é importante e difícil de ser vivido no âmbito solitário e também no solidário.

² 25ª Bienal de São Paulo. Anônimo. Instalação: *Modus Operandis*.

- Na busca e identificação dos procedimentos que poderiam vir a constituir um método - conhecimento *a priori*, método *a posteriori* - é necessário o espaço do Vazio, em que se busque reconhecer o que está acontecendo e que o diálogo, nascido entre os autores e atores a partir desse reconhecimento, nos conduza a uma ação articulada, naturalmente.
- A dificuldade com o vazio está relacionada com a questão do apego à forma, do medo do aberto, do desconhecido, do espanto diante da ausência total de referências. Daí a necessidade de uma autorreferência: no sentido da consciência da minha presença religada a um todo com e sem forma. Como? Acreditamos que a autorreferencialidade e o silêncio podem ajudar.
- Perceber que existem diversos tipos de espaços vazios. Há um tipo de vazio que é visto como individual e ao mesmo tempo público, alimentado pela heteroformação, ao passo que há um outro espaço vazio que é o "sagrado", único e pessoal, mais próximo da autoformação.
- Não provocar uma resposta ao que cada um espera por hábito, ao que as pessoas desejam escutar e querem escutar pelo hábito das coisas dadas sempre prontas.
- O processo de co-formação é muito mais desafiador do que podemos imaginar no início de um processo. Cada um de nós vem com uma bagagem, e temos que ir reconhecendo o que nos diferencia, o que nos une e o que não nos serve mais. Devido à nossa formação, tendemos mais a dissociar do que a diferenciar, a "massificar" do que a unir, a determinar do que fornecer pistas, a definir hierarquias autoritárias ao invés de percebermos a holarquia, a tirar conclusões definitivas sem ver que cada conclusão leva a um novo questionamento. Vemos aí a importância desse contato com o vazio. Todas nós temos tido que considerá-lo nesse processo. E aprender com ele.
- Perceber o subjetivo sempre presente e buscar o alívio de aceitar a quase impossibilidade da imparcialidade.
- O mapa não é o caminho. Podemos todos ter o mapa em mãos, mas cada um vai percorrer o caminho à sua maneira e tomar consciência do caminho percorrido *a posteriori*. E quem nos fornece o mapa? No nosso modo de ver ele é transpessoal, transdisciplinar e transcultural e remete à antropoformação, que poderia ser considerada raiz da co-formação. E esse compartilhar percursos diferentes - esse trânsito - pode ir desvelando o sentido do trajeto de cada um, em ressonância com o trajeto do ser humano.
- Na heteroformação só há um mapa a ser seguido e o trajeto é determinado *a priori*. O que não deve ser desconsiderado em nossa reflexão, pois nos fornece o contexto em que fomos formados e com o qual temos que nos relacionar de alguma maneira.
- As uvas não amadurecem todas ao mesmo tempo. Como incluir os diferentes níveis de percepção e de consciência e os diferentes tempos de amadurecimento? Percebemos em nosso processo que, por um lado, há o desejo de compartilhar as descobertas significativas que fizemos em nosso percurso e, por outro lado, nem sempre o que oferecemos é recebido na mesma medida pelos outros.

O vazio, enquanto espaço presente e legitimado na Companhia, constituiu-se numa realidade vivida por seus integrantes, não só nas trocas reflexivas de e-mails entre os coordenadores, como também no enfrentamento do vazio num encontro presencial denominado «*A Parte, o Todo e o Vazio*», que propiciou um diálogo aberto sobre o tema com o Prof. Dr. Amâncio Friaça, cuja pesquisa sobre «*O Vácuo e a Transdisciplinaridade*» estava em ressonância com o momento vivido na Companhia. Assim, o vazio criado e fornecido, incita o espectador a virar ator/autor e coloca em questão a recepção passiva de informação, que passa a ser re-significada como *formar interiormente*.

A *Árvore do Saber-Aprender* (Trocmé-Fabre), enquanto referencial cognitivo, foi uma valiosa contribuição para a vivência desse processo. Suas sete primeiras etapas vividas solidariamente, podendo ser acompanhadas, nos prepararam para a vivência das três últimas etapas, solitárias, em que o mediador se retira: Saber Compreender, Integrar e Comunicar. O que nos levou à produção de nossa revista onde, mais uma vez, a Companhia vivenciou uma experiência *a priori* com um método descoberto *a posteriori*.

O registro: uma chave de abóbada

O registro³ tem sido uma estratégia fundamental na formação e atuação da Companhia desde a sua constituição. A necessidade e a importância de registrar emergiram naturalmente neste processo, quer como memória de um projeto experimental em desenvolvimento, quer como recurso utilizado nas démarches de acompanhamento da Autoformação, propostas por P.Galvani.(GALVANI, 2001).

³ Registro : Do latim *registrum*, *regesta* (catálogo), *regerere* (repor, tornar a trazer, juntar, reunir, inserir para substituir, copiar). Raiz *gest*, que também dá origem a gesto, gestor, gestação, digestão, sugestivo. (Houaiss)

A Companhia foi construindo o seu percurso, retratado e ajustado permanentemente, onde os registros não apenas documentaram, mas indicaram sempre novas possibilidades e rotas, auxiliando na descoberta de novos sentidos para o que estávamos fazendo, num saber-fazer-fazendo articulado a um saber-ser-sendo.

A princípio, em 2003, ano inicial do Projeto Urdidura, os registros feitos pretendiam salvaguardar o percurso do projeto para que, posteriormente, fosse sistematizado. Uma abundante documentação, cuidadosa e pormenorizada, foi então acumulada com esse propósito. Ela contém a apresentação do projeto em si, a memória das reuniões semanais da coordenação para o planejamento das sessões, os cronogramas, a memória e os eventuais registros produzidos pela Companhia durante as sessões presenciais e virtuais, que foram reunidos num documento chamado: *Dossiê do Projeto Urdidura - 2003 da Companhia de Aprendizagem CETRANS*. Esse exercício de registrar nossa trajetória e nossos procedimentos revelou e impulsionou o desenvolvimento de algumas características que passaram a constituir o nosso *modus operandi*, o que exigiu uma disposição natural para, acima de tudo, exercitar as trocas mútuas, a ajuda e a cooperação, inerentes à atitude transdisciplinar.

Em 2003, a ágil infra-estrutura do ambiente virtual, então usado e disponibilizado pela Escola do Futuro da USP, nos permitiu utilizar em tempo real diferentes tipos de registros escritos, todos eles instrumentos valiosos para a própria percepção e tomada de consciência das ações realizadas no caminhar da Companhia. Durante esse processo híbrido, devido à própria alternância presencial/virtual e diversidade dos registros produzidos, desenvolveu-se um movimento de itinerância que, a princípio, manifestou-se tanto na consulta e produção dos registros, como nas questões levantadas nas sessões presenciais a partir das sessões virtuais e vice-versa, o que, posteriormente viria a ganhar novos contornos e representações. Aconteceram, então, as primeiras experiências de produção de diários reflexivos/avaliativos de cada sessão, iniciativa livre e estimulada pelo próprio processo de autoformação em curso, em que o exercício de revisitar o acontecido instigava novas descobertas e trazia novas possibilidades e ângulos de visão. Essa circunstância também nos permitiu desenvolver outras características da atitude transdisciplinar: a interação através de diferentes espaços-tempos e eventuais mudanças nas dinâmicas e na orientação de nossa ação a partir do se apresentava. Desse exercício, também emergem as primeiras reflexões da Companhia sobre a importância do registro como estratégia no processo de formação. Em 2004, alojada em outro espaço físico, com a colaboração da Unidade Jabaquara do SENAC, e tendo uma percepção mais clara de sua característica itinerante, a Companhia recorreu à imaginação e criatividade quando, na busca por novas parcerias, cadastrou-se no Yahoo como grupo fechado (www.yahoo.companhiadeaprendizagemcetrans.grupos.com.br), para dar continuidade às suas sessões virtuais. Entretanto, essa estrutura, limitada tecnicamente em relação à anterior, e instável durante a interação virtual, conduziu a algumas modificações no processamento dos registros virtuais: as sessões eram fotografadas pelas coordenadoras através do *print screen* (no que era possível, devido à instabilidade do sistema) e depois reunidas, organizadas e encaminhadas via e-mail a todos os participantes. A precariedade desse processo tornou nossos registros truncados e incompletos, mas também gerou uma nova dinâmica na condução das sessões virtuais com novas atitudes que levavam a um estado de incessante interpelação em relação aos resultados obtidos, num sentido de cooperação e reforçando a metáfora original da teia/urdidura onde todos os fios são vitais.

A disposição para conviver com a incerteza e com o risco é uma importante característica da atitude transdisciplinar. Trata-se de uma *incerteza alerta, ativa e participativa, perquiridora* que nos estimula a manter um estado de abertura e tolerância, envolvendo tanto a necessidade de alterar quem somos e como interagimos com o meio à nossa volta, quanto a *coexistência de um estado de interação dinâmica* entre os diferentes saberes. (CELANI).

O estudo do texto *A árvore do saber-aprender* (TROCMÉ-FABRE, 2004) gerou importantes formas de registro em 2004, e novas formas de registros presenciais desenvolveram-se dando cada vez mais sentido à ação e ao ser da Companhia de Aprendizagem. O acompanhamento do estudo e apresentação das etapas da árvore, acoplado ao retorno reflexivo sobre a experiência sugerido pela

démarche de acompanhamento da autoformação, produziu auto-avaliações e relatos experienciais que, através de uma escuta sensível eram, então, registrados pelos participantes individualmente e entregues ao relator para posterior análise e reflexão. Outro tipo de registro surgido foi uma sondagem com os participantes sobre o seu entendimento prévio de cada uma das etapas do saber-aprender a serem trabalhadas. Esses instrumentos aprofundaram a compreensão epistemológica dos textos estudados, oportunizaram uma revisão na prática de cada membro e promoveram o resgate do sentido através da compreensão no nível simbólico. (DENOYEL, 1999)

A realização dos registros e a interação com o que foi registrado nos permitiram vivenciar o retorno reflexivo sobre as experiências, partilhá-las e re-significá-las, como leitores/espectadores das nossas próprias produções e das produções dos outros. A práxis da Companhia de Aprendizagem também vem demonstrando que a natureza e a qualidade do registro têm uma relação direta com o contexto em que ocorre o que foi registrado, refletindo o grau de envolvimento de seus autores e leitores; o envolvimento e a participação do outro no estabelecimento da comunicação é outra relevante característica da atitude transdisciplinar. Sendo construído a partir de diferentes percepções, alternadas no tempo e nos diferentes níveis de realidade de onde elas emergiram, o registro pode refletir tanto a mudança do olhar enquanto sujeito-observador que interage com o processo – *entre, através e além* da realidade observada, quanto a dinâmica do processo do sujeito em autoformação, o que permite que esse processo seja abarcado, avaliado e validado a partir do ensaio de múltiplos olhares, perspectivas e vozes, vindo assim, num movimento recursivo, a contribuir significativamente para o enriquecimento do processo de autoformação. O trabalho nos Ateliês para a criação da Revista COMPANHIA reflete e dá continuidade a esse processo, abrindo novas possibilidades. A partir do nosso processo, podemos reafirmar que a Transdisciplinaridade, como mediadora de mudanças, «*é uma arte que se aprende com a experiência e pelo intercâmbio.*» (CELANI)

O “nó górdio”

Desde o primeiro dos fios até o último dos que até agora estivemos utilizando na experiência da Companhia de Aprendizagem, seja na urdidura das sessões presenciais, nas Ágoras Virtuais ou, mais recentemente, no dinamismo dos Ateliês para elaboração da Revista, o “nó górdio” da busca da práxis transdisciplinar traduzida numa atitude esteve sempre presente, instigando-nos a vencer o desafio de desatá-lo percorrendo caminhos tanto epistêmicos, quanto práticos e simbólicos.

E, muitas vezes, as perguntas essenciais se fizeram presentes: *O que posso saber? O que devo fazer? O que me é permitido esperar?* E o nosso movimento de tecelões sempre em busca do essencial por trás do factual, propiciou a possibilidade de presenciar o nó sendo desatado e não cortado como no mito original. Por outro lado, também tivemos, muitas vezes, a condição de vivenciar o profícuo lugar do «não sei» toda vez que não conseguimos desatá-lo, como sagrada potencialidade implícita, constituindo o vazio de plenitude imanente, instando-nos à vital recursividade de um novo ciclo no ato de tecer.

Assim, fios, vazio, registros e novos rumos, nós górdios... sucedem-se entrelaçando diferentes ritmos e intensidades, consolidando a trama-teia-urdidura Companhia de Aprendizagem, tão colorida e multifacetada quanto a riqueza da diversidade dos atores-espectadores-autores que dela fazemos parte. Confiantes de que é possível, podemos dizer: «Agora, estamos diante de um novo momento...»

Bibliografia:

CELANI, Maria Antonieta Alba - *Transdisciplinaridade na lingüística aplicada no Brasil*. Em SIGNORINI, Inês, CAVALCANTI, Marilda (orgs) - *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das letras, pp.129-142, 1998.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. – *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

DENOYEL, Noël - *Alternance tripolaire et raison expérientielle a la lumière de la sémiotique de Peirce*. Revue Française de Pedagogie, nº 128, 1999, p. 35-42.

GALVANI, Pascal – *A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural* – in *Educação e transdisciplinaridade II*, Coordenação Executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PAUL, Patrick – *Formation du sujet et transdisciplinarité: histoire de vie professionnelle et imaginaire*, Paris, L'Harmattan, 2003 (a tradução para o português será publicada pela TRIOM).

PINEAU, Gaston. *O Sentido do Sentido*, em *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000. (edição esgotada)

TROCMÉ-FABRE, Hélène – *A árvore do saber-aprender: rumo a um referencial cognitivo*. São Paulo: TRIOM, 2004.

Webgrafia:

GALVANI, Pascal – *Accompagner l'autoformation, une démarche et ses variantes: didactique, pratique et symbolique*. <http://membres.lycos.fr/autograf/galvani2001.htm>, acessado em maio/2003.